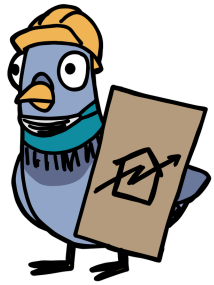
NÚMERO 19 06 NOV. 2026

A PASSARADA



JORNAL AUTÓNOMO DA ACAMPADA

AFINAL, AINDA QUEREMOS TUDO

As últimas semanas reverteram, em parte, uma sensação de impossibilidade que pairava sobre as nossas cabeças desde a pandemia - poucas de nós encontravam razões de aproximação e aquilo que nos afastava prevalecia. O pensamento e posicionamento político e projectual para o mundo tinha encontrado as suas fileiras paralelas, que pareciam estender-se infinitamente sem que se antecipassem entrosamentos. Cada uma de nós dava ares de ter aprendido, na marra, a defender-se mais das pessoas com quem ainda poderia estabelecer pontes (mesmo que provisórias, mesmo que passageiras) do que dos inimigos maiores. Abria-se um artigo da End Notes que lá para o penúltimo parágrafo dizia “já não...”, os Nossos Amigos não escreviam um caralho há anos, lia-se qualquer gajo que ainda estava ciente de que não há prazer erudito maior do que o momento que enfias o teu passa-montanhas e, ainda assim, lá estavam os becos sem saída e nós, inevitavelmente, a espatifarmos últimas esperanças contra os seus concretos.

Não passámos a acreditar em nenhuma inevitabilidade histórica, somos refinadas quanto às superstições a que nos encostamos. Não estamos à espera que o futuro aconteça. Sabemos que o tempo não trabalha por nós, sabemos que as contradições não se acumulam até ao momento em que a história, por uma espécie de justiça interna, decide finalmente mudar de direcção. Não decide. O futuro não vem, e tem sido a chavalada da Climáximo que, muito eficazmente, por palavras e actos, nos tem doutrinado os ouvidos sobre este facto.

O que se reverteu e o que se reverte a cada vez que, além das mais relevantes e menos relevantes diferenças e projectos que nos afastam, conseguimos encetar uma afinidade comum, é que, nem que seja por pura fé e tolice, estamos hoje mais capazes de lhe abrir passagem - ao horizonte, ao futuro; de rasgar a superfície compacta do presente, de meter as mãos onde tudo parece solidificado e fazer ceder aquilo que se apresenta como inevitável.

Rasgar um futuro com as mãos: não como metáfora de uma esperança abstracta, mas como operação material, colectiva, sobre as condições que nos foram dadas. As mãos que trabalham, que desmontam, que constroem, que seguram outras mãos, que aprendem a reconhecer na força dispersa uma outra capaz de se organizar. Não há horizonte sem conflito. Não há horizonte sem a recusa de aceitar que o mundo existente esgota o campo do possível.
sabes o que fazer.

Talvez a questão não seja sequer imaginar um mundo diferente, mas produzir, no interior deste, as forças que o tornem inevitável para nós e impossível para aqueles que o administram. Inventar formas de vida que não peçam licença ao presente. Recuperar a capacidade de agir em comum, de estabelecer alianças, de sustentar uma disciplina e uma inteligência experimentais. Porque o horizonte não é um lugar distante para onde caminhamos: é qualquer coisa que se abre quando deixamos de reproduzir, nos nossos gestos e nas nossas relações, a derrota que nos ensinaram a considerar definitiva.

Não queremos uma fatia maior do bolo, não queremos que dividam melhor as migalhas, tampouco nos alegramos com ensejos de alguma dignidade para podermos regressar amanhã ao mesmo lugar. QUEREMOS TUDO. A riqueza que sai das nossas mãos e todas as condições materiais que este planeta incrível nos estende, o tempo roubado, as máquinas, as ruas, as casas, a possibilidade de decidir o que fazemos, como fazemos e com quem.

Não perdoamos o tempo perdido. Não perdoamos a catrefada de comprimidos que temos tomado, não perdoamos as bombas, o gás e as guerras deles. A nossa é uma guerra santa, como explicaria Daumal. Sabemos o que nos fizeram, sabemos quem lucrou com isso, sabemos que não há inocência na miséria nem fatalidade na exploração. Não estamos confusos, não temos de ser esclarecidos, não precisamos que nos expliquem a complexidade do mundo. Estamos zangadas e fodidas. E temos boas razões para estar.

Temos gritado: estamos juntas, estamos fortes; e somos fortes quando sabemos disto. Quando deixamos de confundir a nossa exaustão com incapacidade, a nossa pobreza com falta de mérito, a nossa obediência com uma condição natural. Porque reconhecemos a violência onde nos ensinaram a ver necessidade, o roubo onde nos ensinaram a ver salário, a disciplina onde nos ensinaram a ver responsabilidade. Não temos de esperar por uma crise mais grave, por uma injustiça mais escandalosa, nem por qualquer autorização da história. A nossa certeza não vem de uma promessa de vitória. Vem da clareza de que este mundo merece que o resgatemos.

Não queremos que o futuro nos seja devolvido, queremos arrancá-lo àqueles que o sequestraram.

Tu, que estás zangada, sabes o que fazer



A REBELIÃO FALHADA DO COLOMBO

Um apelo viral ao saqueio circulou por semanas em grupos whatsapp e no tiktok. "Rebelião. Dia 31 Outubro às 17.30. Local: Colombo. Vestir só de preto e ficar mascarado". O tom era irónico, acompanhado de frases como "já estou de olho nuns ténis novos" e "alguém me traga uma PlayStation". Mais tarde, os alegados criadores do apelo viriam a descreve-lo como "uma piada que fugiu de controlo".

No dia combinado, quase ninguém apareceu. Dez adolescentes foram parados pela PSP enquanto faziam um vídeo na JD Sports do Colombo. Fora do centro comercial, mais uma mão cheia de identificações e detenções, por tentativa de furto, perturbação da ordem pública e posse de artefactos pirotécnicos bem como de outros objetos perigosos.

Para a esquerda deste sistema, os saqueios são uma expressão violenta de consumismo, que descredibiliza a luta perante a gente séria, isto é, o eleitorado pequeno-burguês. Para nós, são um protesto justo que explicita uma tensão social, que rompe com o mito da propriedade e a chantagem da polícia. Não os consideramos um escândalo reprovável, mas uma comunicação mais clara do que seria possível fazer com um megafone ou um jornal.

A rebelião falhada do Colombo é ridícula. É absurdo achar que uma horda em black bloc vai invadir a catedral do consumo e sair com sacos cheios de PlayStations debaixo das barbas de uma PSP estupefacta. Mas lá porque o ensaio foi desafinado não significa que o concerto não será inesquecível. Estas coisas são ridículas até ao dia em que deixam de o ser.

DECLINIO E QUEDA DA ECONOMIA ESPECTACULAR-MERCANTIL. INTERNATIONAL SITUACIONISTA

Os negros de Los Angeles, tal como os bandos de jovens delinquentes de todos os países avançados (...), tomam à letra a propaganda do capitalismo moderno, a sua publicidade da abundância. [...] A pilhagem do bairro de Watts manifestava a realização mais sumária do princípio bastardo: «A cada um segundo as suas falsas necessidades», as necessidades determinadas e produzidas pelo sistema económico que a pilhagem precisamente rejeita. Mas, pelo facto de essa abundância ser tomada à letra, alcançada no imediato, e não mais indefinidamente perseguida na corrida do trabalho alienado e do aumento das necessidades sociais diferidas, os verdadeiros desejos exprimem-se já na festa, na afirmação lúdica, no potlatch de destruição. O homem que destrói as mercadorias mostra a sua superioridade humana sobre as mercadorias. Não ficará prisioneiro das formas arbitrárias de que se revestiu a imagem da sua necessidade. [...] A sociedade da abundância encontra a sua resposta natural na pilhagem [...]. E a pilhagem, que faz desmoronar instantaneamente a mercadoria enquanto tal, mostra também a ultima ratio da mercadoria: a força, a polícia e os outros destacamentos especializados que detêm, no Estado, o monopólio da violência armada.

(texto completo em: medium.com/@miguelarthurbdemoraes/o-declínio-e-a-queda-da-economia-espetacular-mercantil-034f6e847df2)

DA GUERRA ENTRE ESTADOS À GUERRA ENTRE CLASSES. MAURIZIO LAZZARATO

(...) A guerra imperialista constitui uma ruptura histórica, um ponto de viragem que redefine todo o equilíbrio de forças, não só entre Estados, mas também entre classes. Tal como no século XX, foram precisos vários anos para que as consequências do conflito armado no mercado mundial se fizessem sentir a nível local. As relações de dominação e de exploração entre as classes dominantes e o proletariado intensificam-se; os custos da corrida aos armamentos recaem sobre o proletariado, ao mesmo tempo que se multiplicam os apelos ao alistamento na guerra contra a Rússia. As classes dominantes estão a estabelecer um novo quadro no interior do qual a luta de classes se desenrola e continuará a desenrolar-se.

(...) Não podemos ignorar esta viragem epocal e o que nela está em jogo, de que os Estados e as classes dominantes estão plenamente conscientes: a guerra é o fruto maduro das contradições do imperialismo, mas estas manifestam-se sob a forma de oposições e de estratégias que são adoptadas e construídas subjectivamente. Não é possível desertar da guerra, uma ilusão que perpetua a ingenuidade de um "êxodo", de uma fuga que nunca existiu. Em contrapartida, é possível começar a pensar o fim possível do capitalismo, que não advirá das suas contradições internas, mas unicamente da vontade política daqueles que se organizam para o derrubar. Ultrapassamos assim, na prática, o clichê idiota propagado por muitos, nomeadamente Fisher e Žižek, segundo o qual "é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo". O capitalismo está a desagregar-se diante dos nossos olhos, mas só será derrubado por uma iniciativa política.

(...) Numa altura em que a dívida privada e pública atinge níveis recorde nos Estados Unidos e a bolha especulativa parece capaz de crescer indefinidamente, o governo norte-americano e as suas classes dominantes optam pela guerra: uma vez que já não é possível extrair riqueza através do crédito, da dívida e das finanças, fá-lo-ão pela força. A predação imperialista e colonialista soma-se à predação financeira: as relações de poder tornam-se mafiosas; a força armada é mobilizada para se apoderar do ouro e das matérias-primas, exigir tributos de milhares de milhões de dólares e obrigar os Estados vassalos a deslocalizar as suas indústrias para os Estados Unidos.

Com a guerra, a destruição e a autodestruição do sistema entrelaçam-se.

(*texto inteiro em illwill.com/class-war)*